

# UM ESTRANHO NO NINHO: A PRESENÇA DO ANTROPÓLOGO E SEUS EFEITOS NO TRABALHO DE CAMPO

A STRANGER IN THE NEST: THE PRESENCE OF THE ANTHROPOLOGIST AND ITS EFFECTS ON FIELD WORK

**\*Hugo Virgílio de Oliveira**

Recebido em: 15/04/2020

Aceito em: 19/09/2020

## Resumo

Durante a pesquisa, tanto os interlocutores como os pesquisadores são afetados de diversas formas e transitam dentro de variados sistemas: segurança, cultura, opiniões, cotidiano, costumes, crenças, organizações, entre tantos outros. O presente estudo parte da minha experiência pessoal enquanto morador de uma ocupação no centro do Rio de Janeiro que serve de campo de pesquisa para um grupo de antropólogos interessados na luta pelo direito à moradia. O trabalho se desenvolve durante a minha trajetória enquanto “pesquisado”; em seguida, como estudante de antropologia e, agora, como pesquisador que tem como interlocutores aqueles mesmos antropólogos. Com isso, o objetivo deste artigo é discutir o efeito da presença de antropólogos na construção de seus campos e na relação com seus pesquisados.

**Palavras-chave:** conflitos; metodologia; trabalho de campo; moralidades; ética.

## Abstract

During the research, both interlocutors and researchers are affected in different ways and move through varied systems: security, culture, opinions, daily life, customs, beliefs, organizations, among many others. The present study goes from my personal experience as a resident of an occupation in Rio de Janeiro downtown which serves as a research field for a group of anthropologists interested in the struggle for the right to housing. This work develops during my way, first as “researched”; then as an anthropology student, and now as a researcher myself whose interlocutors are those same anthropologists. Thus, the objective of this article is to discuss the effect of the presence of anthropologists in the construction of their fields and in the relationship with their subjects.

**Key words:** conflicts; methodology; field work; moralities; ethic.

## 1 Introdução

Há algo curioso na antropologia: ao mesmo tempo em que se vangloria de ter uma das tradições mais sólidas entre as ciências sociais [...], a disciplina abriga estilos bastante diferenciados, uma vez que fatores como contexto de pesquisa, orientação teórica, momento sociohistórico e até personalidade do pesquisador e ethos dos

pesquisados influenciam o resultado obtido (PEIRANO, 1991, p. 43).

Não me lembro exatamente de quando ele chegou, mas passou a ser comum voltar para casa e encontrá-lo entrevistando a minha mãe ou o meu pai, ser convidado

para as aulas de inglês que ele se dispôs a lecionar, saímos juntos para passeios ou festas e convivemos no cotidiano do prédio. Até então, eu nem sonhava em cursar a graduação em antropologia. Eu morava com os meus pais em uma ocupação no centro do Rio de Janeiro junto com outras famílias, e, aparentemente, isso chamou a atenção de Frank[1] e de outros pesquisadores que passaram a fazer parte do nosso convívio no ano em que começaram a pesquisar nessa ocupação.

Hoje, posso afirmar que, depois da passagem do tempo, de muita convivência, laços estreitados e amizades consolidadas, o primeiro grande efeito dos pesquisadores na minha vida, enquanto interlocutor, foi a minha opção por cursar Antropologia. Não que eles tenham me persuadido, mas tiveram um papel de destaque nessa decisão. Após o início da graduação, chegar a casa era como descobrir o segredo de um mágico: a todo o momento, eu me perguntava se o que eles estavam fazendo era pesquisa ou se era “de verdade”, se eles estavam se relacionando conosco apenas “por interesse” ou sendo “sinceros”.

Além de Frank, norte-americano, 56 anos, branco e professor de antropologia, outros membros da equipe com quem tínhamos mais contato e que também pesquisavam ali eram a Meryl, canadense, 35 anos, também branca, que tinha ênfase e experiência com antropologia e audiovisual, e Rodolfo, 48 anos, brasileiro, negro, antropólogo e professor de uma universidade pública federal. Era comum que eu e outros moradores eventualmente comentássemos sobre o que levaria estrangeiros a se condicionarem a situações delicadas de segurança[2] e infraestrutura para “pesquisar” quando tinham condições de vida relativamente mais confortáveis em seus países.

O que exatamente eles queriam pesquisar? Seriam esses cientistas sociais espécies de espões do governo que queriam explorar e prejudicar movimentos de moradia? Era seguro para nós tê-los ali?

A pesquisa coordenada por Frank busca analisar o fortalecimento dos movimentos sociais de moradia popular a partir da influência dos megaeventos que foram sediados no Rio desde 2013 — Jornada Mundial da Juventude, Copa das Confederações, Olimpíadas e outros. A partir desses acontecimentos, uma série de movimentos políticos se mobilizou contra a especulação imobiliária e a gentrificação das quais a região portuária do Rio foi alvo. Apesar das inúmeras supostas melhorias, — alargamento de avenidas, revitalização de espaços, criação de novos espaços culturais — o problema de moradia foi quase que completamente descartado pelo plano de reforma da região. Com isso, esse grupo de pesquisadores se reuniu para estudar três diferentes modalidades de moradia que ganharam força: condomínios do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV); ocupações de moradia com apoio de movimentos sociais e ocupações de moradia sem o apoio de movimentos sociais. É a partir desse cenário geral que inicio a minha pesquisa.

Diversas questões surgiram envolvendo a dicotomia pesquisado-pesquisador — neutralidade, expectativas, personalidade, conflitos etc. — tanto para mim quanto para os demais ocupantes e para os outros pesquisadores do grupo. Não que uma ocupação seja um contexto considerado comum, porém mais incomum ainda é ter estrangeiros querendo conviver conosco para “nos estudar” — pode soar até como uma ofensa. Além disso, depois que passei a cursar a mesma disciplina que aqueles

pesquisadores, pedi para fazer parte da equipe a fim de contribuir e também de aperfeiçoar meus estudos, ou seja, a partir da minha experiência pessoal, esses “estranhos no ninho” passaram a me fascinar. Ao mesmo tempo em que se apresentavam como pesquisadores interessados naquela afirmação política que estávamos realizando em torno do direito à moradia, também tentavam se misturar de forma que não fossem mais “estranhos” entre nós.

A mudança do meu ponto de vista e das minhas perspectivas acerca das relações que estavam se dando ali por conta da minha inserção no curso de Antropologia me assombravam igualmente a cada momento em que os encontrava e conversava com eles. Até hoje, quando nos reunimos para discutir pesquisas ou até mesmo enquanto dialogamos sobre questões relacionadas ao campo, eu me pergunto: como pensar meu lugar nesse campo? Como ser um pesquisador também pesquisado? Como construir e, ao mesmo tempo, analisar essa relação de interlocução? Evidentemente, essas questões me colocam como nativo, interlocutor, pesquisador e/ou estudante em uma relação de mútua afetação com o meu campo de pesquisa, pois vivencio esses papéis de forma concomitante sem necessariamente conseguir isolá-los nem prática nem analiticamente (SIQUEIRA, 2005). Portanto, parecem gritantes as diversas faces que um simples — ou, talvez, não tão simples assim — estudo pode tomar para o pesquisador e para os interlocutores. Tudo isso confirma que esses não são papéis fixos nem estáticos no decorrer de uma pesquisa, em especial daquelas de tempo prolongado, como a disciplina antropológica prescreve (EVANS-PRITCHARD, 2005; MALINOWSKI, 1978).

No caso das ocupações de moradia, considerando

o atual contexto de insegurança e crítica ferrenha a movimentos sociais, é previsível que não só pesquisadores sejam vistos sob suspeita, mas também qualquer pessoa que seja, de alguma forma, desconhecida. No caso de Frank e sua equipe, ainda que tivessem articuladores dentro da ocupação, eles ainda enfrentaram certa resistência entre os moradores. Eu presenciava comentários e teorias a respeito deles que eram absolutamente desconhecidos entre os tais e isso me intrigava: como a pesquisa deles poderia dar certo nessa conjuntura? Da igual modo, mas por outro lado, também existiam coisas que os moradores não gostariam que fossem expostas. Isso não influenciaria o estudo? Em certa medida, eu me sentia vivendo os bastidores que resultavam na pesquisa.

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é apresentar de maneira introdutória três tópicos que norteiam a pesquisa. O primeiro é um estudo bibliográfico que analisa textos clássicos e contemporâneos a partir do que Oliveira (2009) chama de “um certo mal-estar” na Antropologia. Segundo o autor, há uma espécie de atraso entre o que se tem como auto representação da Antropologia — uma imagem a partir dos estudos clássicos, ainda carregada com aspectos colonialistas e imperialistas — e a forma como ela é produzida atualmente. Em seguida, buscaremos observar como se dão as relações de poder, articulações políticas, sociabilidades e socializações, moralidades e controle de impressões em campo a partir do acompanhamento do trabalho desses pesquisadores (agora, meus interlocutores) em seus respectivos campos de atuação. Por fim, abordaremos como aspectos relacionados à pessoa do pesquisador — classe social, cor, gênero, nacionalidade — e seus valores — como religião,

hábitos, princípios e sentimentos — são acionados ao longo da realização da pesquisa antropológica e como isso influencia na produção de conhecimento.

## 2 Um estranho no ninho

Desde que ingressei na graduação em Antropologia no ano de 2018, tive contato com diversas bibliografias clássicas: a observação participante de Malinowski (1978), as técnicas de escrita etnográfica e diários de campo de Geertz (1989) e Roberto Cardoso de Oliveira (1998) e as diversas orientações e observações metodológicas de Evans-Pritchard (2005). A partir disso, passei a observar Frank e sua equipe com outros olhos e a nutrir meu interesse em pesquisar conflitos no fazer antropológico.

Após aprofundar o tema em outras bibliografias em diferentes perspectivas, notei que, apesar de se buscar uma antropologia “sem marcações” (MORENO, 2018), não é possível negar que, fora da academia, quando está em campo ou até mesmo na sua “vida pessoal”, o pesquisador assume um diferente ethos e/ou é rotulado de variadas formas — desde “professor” ou “pesquisador” (BARRETO, 2017; MEDEIROS, 2018; CHAGAS, 2014; MACIEL, 2018) até “espião” (ZENOBI, 2010) ou “colonizador” (ROCHA, 1984), como é possível perceber em obras como as de Leiris (2008), Malinowski (1978) e Levi-Strauss (1996). Tudo isso faz parte do processo de construção e/ou legitimação do papel do antropólogo com seus interlocutores.

Entre etnografias clássicas e contemporâneas, é inevitável a socialização com os “nativos” e a criação de laços como parte da metodologia. O “estar lá” se faz importante de diversas formas, no entanto é fato que,

dentre os efeitos que podem surgir, é preciso demasiado preparo psicológico, intelectual e emocional para lidar com eventuais desencadeamentos.

“Quais são as marcações — como as de raça, de classe, de gênero, de sexualidade, de geração, de deficiência — que são percebidas em campo, e de que forma se articulam e conformam caminhos diversos nas relações travadas em campo?” (RIBEIRO; COELHO; PATRIARCA; BESSA, 2018: 231). No livro *Vamos fazer uma sacanagem gostosa?*, Victor Hugo Barreto (2018) apresenta sua pesquisa sobre prostituição masculina em saunas gays. No texto, ele aponta diversas questões relacionadas ao estar em campo. Entre outras coisas, o autor descreve como o fato de estar de aliança, uma tentativa de se manter invisível aos seus nativos, sem chamar a atenção, mostrou ter efeito contrário, já que “na prostituição, uma aliança no dedo de um possível cliente seria como a certeza de um programa efetivo” (BARRETO, 2017: 123).

Além disso, ele também destaca sua preocupação com os métodos de socialização utilizados com os garotos de programa, como o dilema entre “pagar ou não pagar” (BARRETO, 2017: 124), e com o fato de seu trabalho sugerir uma espécie de investigação ou espionagem (ZENOBI, 2010) que ameaça a atmosfera de discrição e sigilo que envolve o mercado da prostituição. Por fim, Barreto atenta-se também a sua própria segurança enquanto pesquisador e suposto espião e descreve os constantes questionamentos que recebeu dentro e fora do meio acadêmico relacionados à sua sexualidade e aos “reais motivos” que o levaram a pesquisar temáticas relacionadas ao sexo (BARRETO, 2017).

Enquanto Barreto tem seu trabalho mais diretamente ligado ao corpo devido ao contexto do seu campo, Fabiane Albuquerque (2018) elucida como o corpo do pesquisador pode ter efeitos também em contextos em que esse tema não tenha tanta relação com o objetivo da pesquisa. No artigo *Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália*, a autora conta sobre sua dificuldade enquanto mulher latino-americana e negra ao estabelecer contato com interlocutores locais.

Segundo Albuquerque (2018), ficou muito claro durante o seu período em campo que o seu corpo, marcado por tais aspectos identitários, a impediam de frequentar determinados locais na cidade devido ao risco de assédio, e que o fato de ser negra poderia ser motivo de menosprezo se não viesse atribuído de alguma qualidade. Por outro lado, ela também relata que, durante a pesquisa diretamente com os imigrantes, seu corpo não era tão marcado “devido, justamente, às minhas características físicas e fenotípicas: meu corpo era um corpo ‘igual’, que tinha o ‘direito’ legitimado de estar ali” (ALBUQUERQUE, 2018: 314).

Na mesma esteira, Flávia Medeiros (2018), no artigo *Adversidades e lugares de fala na produção do conhecimento etnográfico com policiais civis*, narra as diversas questões que envolviam a subestimação da sua capacidade enquanto pesquisadora mulher, negra e jovem. No texto, ela conta que, desde 2014, quando decidiu pesquisar no Instituto Médico Legal (IML), a sua professora estranhou o fato de que ela, “[...] tão bonitinha, tão novinha, tão limpinha”, pudesse fazer um trabalho desses em um lugar tido como sujo, impuro.

Em outra ocasião, ela também narrou um caso de *whitemansplanning*[3] que sofreu quando estava

apresentando um trabalho numa universidade. Durante o momento de perguntas, um homem branco, 40 anos, que vestia roupa social, recomendou-lhe especificamente a leitura do texto de um “autor”, quando, na verdade, ela mesma era quem havia escrito. Nesse sentido, é notável como as marcações identitárias de pesquisadores se apresentam até mesmo quando não são evocadas. Se não principalmente, o fato de ser mulher é extremamente marcante, pois pode aparecer (e aparece!) em diversos contextos em se tratando de pesquisa de campo (MEDEIROS, 2018; MORENO, 2018; ALBUQUERQUE, 2018).

Em *Estupro em campo: reflexões de uma\* sobrevivente*, Eva Moreno (2018) questiona, após relatar o estupro que sofreu em campo, como as pesquisadoras mulheres[4] têm que lidar com conflitos que pesquisadores homens não têm. Além disso, Moreno (2018) também ressalta como dentro do meio acadêmico as mulheres são constantemente reprimidas ou têm seus relatos completamente menosprezados, deslegitimados e/ou naturalizados pelos seus amigos, professores e colegas de trabalho homens. Por outro lado, ela também afirma que a rede de apoio se apresenta mais empática quando os conflitos são relatados a mulheres. “Afinal de contas, quem quer ser uma antropóloga mulher quando é possível ser um antropólogo ‘de verdade’? [...] Antropólogos não são assediados ou estuprados. Mulheres são.” (MORENO, 2018: 262)

Considerando esses e tantos outros estudos, é preciso assumir que, apesar de se buscar uma espécie de distanciamento a fim de melhor compreender nossos interlocutores, o corpo do antropólogo é marcado de

diversas formas e é preciso estar atento a isso quando se pensa a imersão em campo. Apesar do preparo pré-campo e de todos os planos para a imersão na pesquisa, nossos corpos carregam diversos tipos de marcas e comunicam tanto aquilo que deve ser comunicado, como também o que os outros acham que comunica. Como não temos controle sobre todas as informações (BERREMAN, 1975 apud GUIMARÃES, 1990), é preciso ter cuidado e estar sempre atento a pequenos sinais que possam aparecer, ainda que nós mesmos pensemos que sejam distantes da nossa realidade, fruto da nossa imaginação (MORENO, 2018).

### 3 Dos barcos à terra firme

Ao chegar em campo, todo etnógrafo se vê imediatamente confrontado com a sua própria apresentação diante do grupo que pretende aprender a conhecer. Só depois de tê-lo feito, poderá passar à sua confessada tarefa de procurar compreender e interpretar o modo de vida dessas pessoas. (BERREMAN, 1975 apud GUIMARÃES, 1990, p. 125)

Seja vendo-o se distanciar (MALINOWSKI, 1978), em instalações peculiares (LEVI-STRAUSS, 1996) ou de onde se observavam as “putas” dando adeus aos marujos com quem dormiram na noite anterior (LEIRIS, 2008), o barco sempre foi o plano de fundo inicial para a jornada dos pesquisadores clássicos. Era nesse cenário que se dava o primeiro distanciamento dos antropólogos de suas realidades cotidianas para a aproximação com seus futuros novos interlocutores. No caso dos três autores citados, do barco emergem os contrastes, as primeiras marcações e diferentes impressões do corpo dos pesquisadores — que vão acompanhá-los durante a

jornada. Nesse sentido, ao refletir sobre a presença dos clássicos em seus respectivos campos de pesquisa em oposição às etnografias contemporâneas, diversos pontos emergem para a discussão. O primeiro deles é: de que corpos estamos falando?

Os debates sobre pautas identitárias como conhecemos hoje, dentro da Antropologia, são muito mais presentes agora do que no século passado — cor, gênero ou sexualidade, por exemplo. Não que o corpo do pesquisador passasse despercebido, porém a maior parte desses debates não era tematizado nem problematizado naquela época. Evans-Pritchard (2005: 249), inclusive, apresenta isso quando diz que “os pesquisadores não se encaixam nas categorias de gênero nativas, é como se não tivessem gênero”. Não havia discussão sobre as diferenças e as influências de pesquisadores que eram negros, LGBTQs, mulheres, deficientes e outros, ou porque não pesquisavam ou porque, mesmo quando pesquisavam, não representavam uma preocupação, não eram considerados relevantes cientificamente e/ou sequer problematizados.

O que consideramos marcações hoje, naquele contexto, nem eram marcações, mas características naturalizadas que estes clássicos e tantos outros autores carregavam — homens, brancos, europeus, ricos, acadêmicos. Estas características atravessavam questões relacionadas à colonização, espionagem, furtos e outras problemáticas envolvendo processos conflituosos (PEIRANO, 1992; CALVINO, 1993; ROCHA, 1984) que estavam em voga durante as grandes guerras e conflitos territoriais (ZENOBI, 2010).

Em seguida, precisamos levar em conta os diferentes contextos em que se davam as pesquisas antropológicas

nos séculos passados. A maioria dos autores clássicos saía de seus cotidianos urbanos para pesquisar em outros continentes, o que envolvia realidades, costumes, hábitos e outros fatores extremamente diferentes dos seus. Enquanto isso, na contemporaneidade, os estudos entre os próprios pesquisados (VELHO, 1980) e também no meio de onde se originam os pesquisadores são muito comuns. Ainda assim, o estranhamento e o distanciamento são marcas de qualquer imersão em campo e com interlocutores. Conforme Leiris (2008) desabafa em seu diário, o pesquisador pode muitas vezes ser julgado como “lúgubre, difícil, parcial — até injusto”, mas são pautas que fazem parte da prática etnográfica.

Por fim, também é preciso pensar os pesquisadores enquanto pessoas comuns, dotadas de sentimentos e frustrações. A partir, principalmente, das publicações dos diários de Malinowski (1997 [1967]), outras diversas “literaturas de confissões” (SILVA, 1997) começaram a ser publicadas e a expor esse lado “humano” do antropólogo. Com isso, a academia se dividiu. Esquemáticamente, podemos dizer que um lado defendia que os diários não deveriam ter sido publicados, pois não tinham sido escritos com esse intuito, e o outro defendia que expor os comentários tidos como arrogantes, sexuais e pejorativos que Malinowski fazia sobre seus interlocutores podia ser enriquecedor para a evolução da metodologia de pesquisa antropológica da qual ele mesmo tinha sido o principal difusor. No prefácio de Malinowski, Valetta Malinowska (apud MALINOWSKI, 1997: 12–13) registra:

[...] depois de ponderar seriamente sobre o assunto, cheguei à conclusão de que é muito mais importante dar aos atuais e futuros estudiosos e leitores das obras antropológicas de Malinowski essa visão direta de sua

personalidade íntima, e de sua forma de viver e pensar durante o período de seu mais importante trabalho de campo, do que trancafiar esses sucintos diários em um arquivo. Declaro-me, portanto, a única responsável pela decisão de publicar este livro.

Sem dúvida, um dos pontos mais enriquecedores da Antropologia é a sua incrível capacidade de reaproveitar dados. Apesar da existência de declarações tidas como problemáticas e preconceituosas, não podemos ignorar as contribuições dessas descrições no que diz respeito à conjuntura, contexto e outros temas em foco na época em que foram realizados os trabalhos, principalmente para os métodos em pesquisa antropológica. Não que isso diminua as problemáticas, mas estas são para os dias de hoje, em que é possível questionar, entender e contribuir para diversos estudos sobre a origem de determinados conflitos a fim de melhor lidar com eles.

## 4 Pesquisado(r)

A partir da análise desses estudos sobre as diferentes marcas que os pesquisadores carregam — antes, durante e depois da pesquisa —, no contexto do meu campo, percebo como o fato de haver estrangeiros entre os membros da equipe tem um grande peso. A primeira vez que ouvi falar deles foi pelo comentário da minha mãe: “Tem um pessoal de fora querendo fazer pesquisa aí com a gente, estamos chiques”. A priori, concordei com ela, no entanto, posteriormente, percebi o quanto essa fala carrega diversas questões implícitas.

Em uma das minhas visitas com Frank a um dos condomínios do PMCMV, fomos visitar duas senhoras; Frank morou lá esporadicamente por alguns meses para

fazer trabalho de campo. A primeira, que aqui chamaremos de Cláudia, se tornou interlocutora do Frank e, quando ele morou lá, fazia as unhas dele[5]. Durante a visita, dona Cláudia, a todo o momento, perguntava para Frank sobre como era o processo caso “algum amigo quisesse se mudar lá pros Estados Unidos”. Ele explicou sobre a série de documentos necessária e que alguém deveria recebê-la e dar seu endereço como uma espécie de guardião. Ela, então, perguntou se ele já tinha feito isso para alguém, ao passo que ele respondeu negativamente. Toda a conversa correu com um tom incisivo, do qual, discretamente, Frank conseguiu se esquivar. Em nenhum momento, Cláudia pareceu notar minha presença ou se preocupar com ela; seu foco parecia estar em conseguir o apoio de Frank para se mudar para os EUA caso assim decidisse em algum momento.

Já a segunda visita, na qual estivemos com uma mulher que aqui chamaremos de Ivete, correu de forma menos inconveniente. Dona Ivete nos recebeu de forma muito serena e, diferentemente de Cláudia, pareceu mais interessada na minha presença e muito mais aberta ao diálogo. Ela era bem idosa, mas muito ativa: preparou um pequeno lanche, perguntou sobre a família de Frank e conversou muito comigo sobre a sua trajetória de vida e sobre como valorizava o avanço do Brasil na economia, na educação e no combate à desigualdade social.

Ao final da visita, Frank deixou bem claro que gostaria muito de recebê-la em sua casa nos Estados Unidos e que a ajudaria no que fosse necessário caso ela aceitasse o convite. Ele me disse que, quando se mudou para aquele campo de pesquisa, Dona Ivete foi uma das pessoas mais acolhedoras que ele conheceu, pois o ajudou

e o apoiou imensamente, afinal estava sozinho em um primeiro momento.

A partir das situações aqui descritas, foi possível refletir sobre outras questões a respeito das relações e dos efeitos do corpo do pesquisador. É interessante observar como tanto na fala da minha mãe quanto nas relações entre dona Cláudia e Ivete a presença do pesquisador estrangeiro é um atrativo para os interlocutores, seja pelo suposto ideal de que “o que vem de fora é melhor”; pelo interesse em conhecer o meio do qual o outro provém, de modo a enxergar nele uma chance de ir além dos limites físicos e sociais nos quais se está inserido; ou pela possibilidade de aprofundar os laços da relação construída. É notável que o interesse de pessoas de fora daquele movimento político gerou uma sensação de legitimidade e autoconfiança: era prestigioso ter pessoas estrangeiras dentro da nossa casa e interessadas em nós. De alguma forma, isso também parecia legitimar a luta pela causa da moradia. “[...] tão obsequioso por que é o mais fraco — e de resto, habituoso aos turistas —, não será a bebida fermentada repartida que nos tornará mais próximos. O único vínculo que há entre nós é uma falsidade comum” (LEIRIS, 2008: 170).

Também é interessante perceber as diferenças de abordagem entre dona Cláudia e dona Ivete. Em uma entrevista que fiz com Frank posteriormente, ele me disse que, como em qualquer relação, existem pessoas que você deseja manter mais próximas e outras não. Enquanto cria laços, o pesquisador julga, estabelece limites e conhece seus interlocutores. Nesse sentido, o antropólogo deve se desvencilhar de situações que possam ser deselegantes ou criar desconforto entre ele e os indivíduos a quem pesquisa, de modo a não comprometer o andamento da pesquisa.

Todavia, o interlocutor também pode acabar percebendo o “desinteresse” do antropólogo em não entrar no seu “jogo de interesses” e acabar por se afastar dele.

É pertinente chamar a atenção para o fato de que muitas vezes o “jogo de interesses” pode ser mal interpretado. Ao longo do andamento da pesquisa, um dos pesquisadores teve um problema pessoal que o afastou do campo por diversos meses. Durante esse tempo, ele mantinha muito contato com o meu pai por meio do WhatsApp a fim de saber sobre o andamento do processo da ocupação, os eventos, conflitos ou questões que ele acompanhava enquanto estava fora por meio dos grupos dos movimentos sociais.

No decorrer desses meses, esse pesquisador também marcou visitas diversas, no entanto sempre tinha um imprevisto e não podia aparecer. Essas frequentes visitas adiadas passaram a incomodar o meu pai, que sentia a amizade entre eles ser abalada. Era frequente que papai se questionasse se a sua relação era de amizade ou se ele servia apenas como um instrumento do antropólogo para obter informações. Diante disso, um questionamento é trazido à lume: é possível separar as duas coisas? Até que ponto, numa relação entre pesquisador e interlocutor, perguntar é obter informações ou manter contato com um amigo? Estas são questões pertinentes, e não necessariamente ruins, que circundam o trabalho de campo. Eu mesmo me fiz essas perguntas em diversos momentos ao longo da construção da minha relação com toda a equipe.

Posteriormente, fiquei sabendo que esse problema era um assunto parcialmente pessoal deste pesquisador e nem todos sabiam; eu mesmo ficava chateado antes de ter conhecimento. Passou a ser uma brincadeira entre mim e

meus pais adivinhar, quando ele marcava uma visita, qual seria o motivo para ele não ir daquela vez. Apesar do tom crítico, é importante ressaltar que são apenas reflexões saudáveis acerca da presença dos pesquisadores em nosso cotidiano enquanto interlocutores. De modo geral, o ponto é ilustrar os efeitos que o pesquisador tem a partir de determinadas escolhas, das formas como lida com as suas questões pessoais e o modo como elas influenciam na imersão em campo e no direcionamento da pesquisa. Se o meu pai não mais desenvolvesse contato com o pesquisador por mensagens, isso poderia influenciá-lo de diversas formas, fosse na dificuldade de acesso às informações fosse no abalo que a relação de amizade e parceria entre eles poderia sofrer.

A todo o momento, existe a presença de mecanismos de sociabilidade e socialização entre os antropólogos e seus interlocutores, tanto enquanto facilitadores quanto como obstáculos na atuação: desde visitas formais e entrevistas, passando por festas e passeios nos finais de semana, até o simples ato de se afastar do campo. Ao longo do percurso da pesquisa, relações se criam e se desfazem e os mais variados desfechos podem ocorrer em diferentes questões. Os rumos que essas situações vão levar dependem muito de como o pesquisador e o interlocutor vão lidar com elas. De todo modo, é importante ressaltar que as formas de administrar possíveis impasses evidenciam o carácter inteiramente intersubjetivo e emotivo da relação de interlocução etnográfica.

## 5 Conclusão

Conviver com antropólogos estrangeiros que vêm de diferentes organizações sociais é, no mínimo,

curioso. Eles estão quase sempre interessados em coisas que, para nós, são comuns: ficam extremamente felizes quando puxamos qualquer assunto, são disponíveis para ajudar em mutirões de limpeza e até para fazer eventuais almoços especiais aos domingos para todos os moradores. Enquanto, para uns, isso se apresenta como boas ações, amizade e retribuição por recebê-los conosco, para outros, isso gera dúvida e desconfiança. Os questionamentos estarão imensamente presentes no início, mas, mesmo após um longo período em campo, apesar de diminuírem, não cessam.

Eventualmente, a figura do pesquisador é pressionada a revelar seus “reais interesses”, como se os verdadeiros fossem mentirosos, como apresenta Zenobi (2010), ao expor os constantes questionamentos de sua presença enquanto pesquisava um grupo de pais de vítimas de um incêndio em Buenos Aires:

Normalmente, as suspeitas e as acusações sobre nosso trabalho costumam estar relacionadas ao uso que poderíamos fazer do conhecimento construído a partir do trabalho de campo desenvolvido nessas comunidades. Desse modo, elas expressam a preocupação com a relação que este saber irá ter com as pessoas que o tornaram possível ao receberem o pesquisador e ao participarem de sua pesquisa. (ZENOBÍ, 2010, p. 471)

Da mesma forma, o pesquisador também é afetado, cria expectativas e tem que lidar com diversas situações da sua vida pessoal e em campo. Ao longo dos dois anos em que a pesquisa se desenvolveu, diversos moradores da ocupação se mudaram, outros chegaram, pesquisadores se tornaram pais e tiveram que se afastar do campo, outros foram ameaçados de morte enquanto pesquisavam... Será que, por mais que os pesquisadores se preparem, leiam,

estudem, visitem o campo e entendam sobre as inúmeras possibilidades de acontecimentos que podem ocorrer, eles, em algum momento, estarão preparados para lidar com esse tipo de coisa? Talvez.

No xadrez, a situação em que um jogador realiza uma série de xeques que não são fatais é chamada de xeque perpétuo. Ou seja, o rei está encurralado e só consegue “fugir” entre as mesmas casas, mas sempre enquadrado. Da mesma forma — gostaria de sugerir —, ocorre na pesquisa etnográfica: por mais que o pesquisador se prepare e trabalhe da melhor forma possível com os efeitos que sua presença pode causar em campo, esses efeitos sempre existirão de alguma forma. Diferentemente do xadrez, na pesquisa, as peças mudam de forma através da pessoa de diferentes interlocutores.

Felizmente, quem pode nos ajudar com isso é Simmel (1983). Ao tratar sobre os conflitos, ele fala como estes são vistos frequentemente como problemas impossíveis de serem solucionados e como originários de derrotas e de pioras de situações que estavam, antes, estabilizadas. No entanto, é também por meio deles que diversas situações são solucionadas e “melhoradas”. Quem trabalha com uma perspectiva semelhante é Alcida Ramos (2019), enquanto discute metodologia de pesquisa ao apresentar o conceito de Serendipity, ou Serendípiã:

Serendipity, que podemos adaptar para serendípiã, passou a significar o dado inesperado que não se harmoniza com a expectativa do pesquisador e pode levá-lo a mudar o curso da pesquisa, descobrir horizontes não imaginados e fazer avançar a ciência. É algo fora do lugar, anômalo e estratégico, cuja inconsistência provoca curiosidade e estranheza. (RAMOS, 2019, p. 23).

Ou seja, os conflitos com que os cientistas sociais

lidam podem ser interpretados como uma forma de avançar, de abrir horizontes desconhecidos no campo, de contribuir para novas maneiras de lidar com “obstáculos” em circunstâncias similares e até podem ser úteis para que o pesquisador desenvolva seus próprios mecanismos de gerenciamento de conflitos dentro da sua situação e a melhor forma de administrá-lo:

O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é o modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes. Isso é aproximadamente paralelo ao fato do mais violento sintoma de uma doença ser o que representa o esforço do organismo para se livrar dos distúrbios e dos estragos causados por eles. (SIMMEL apud MORAES FILHO, 1983, p. 122—123).

Ressalto, entretanto, que nem sempre situações conflituosas são premeditadas ou passíveis de solução. Também não defendo que ocasiões de violência física sejam “boas” de alguma forma. O fato é que é impossível prever o que vai acontecer em campo; podemos apenas nos preparar, de modo a nos proteger, e ficar atentos aos sinais para tentarmos nos precaver quanto a incidentes. De igual forma, nós, enquanto pesquisadores, precisamos proteger os nossos interlocutores, evitar equívocos, constrangimentos ou provocar conflitos para eles dentro do próprio campo, principalmente em se tratando de locais que envolvam grupos em que uma parcela não está disponível a contribuir com o estudo etnográfico.

Nesse sentido, penso que é de extrema importância que as mais diversas áreas de pesquisa passem a externalizar e registrar, de forma mais direcionada, os seus conflitos, as formas como lidaram com eles e uma reflexão sobre essas experiências. Não de um dia para o outro, mas respeitando

o tempo e a forma como a equipe ou o pesquisador foi afetado. A produção dessa reflexão poderá contribuir não só para gerações futuras, como desejava Malinowski, mas também para a produção de uma Antropologia mais humana, que destaca a dimensão experiencial e sensível da produção do conhecimento etnográfico.

## INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

\*Graduando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Email: hugovirgilio@id.uff.br

## NOTAS

[1] - Optei pelo uso de pseudônimos para os meus interlocutores devido à pesquisa deles ainda estar em andamento e também para preservar os interlocutores de eventuais comentários desconfortáveis acerca de suas metodologias de trabalho ou de comentários de amenidades do campo durante a realização da minha pesquisa.

[2] - Traficantes de favelas próximas; ataques de criminosos ou até de vizinhos que não os considerassem bem-vindos; insalubridade; riscos relacionados à saúde e à alimentação. Além disso, pensando os pesquisadores enquanto estrangeiros, complicações legais que poderiam ter com o consulado de seus países caso se envolvessem em algum processo judicial.

[3] - “O ‘whitemansplanning’ é um neologismo que pensei a partir da noção de ‘mansplanning’ (man = homem; splanning = explicação) cunhada pelo movimento feminista contemporâneo para definir situações nas quais homens falam com autoridade a mulheres sobre os conteúdos que nós sabemos tanto ou mais do que eles. Incluo a categorização de white (branco) para enfatizar essa característica do meu interlocutor na situação descrita, e também para negritar que, além de um dos efeitos da masculinidade e do sexismo, esse também se intersecciona aos efeitos da racialização e da subjugação de mulheres negras, sobretudo quando estão em jogo os papéis de

produtores de conhecimento.” (MEDEIROS, 2018)

[4] - O artigo de Eva Moreno (1995), publicado na revista *Cadernos de Campo*, em 2018, traz uma importante nota de rodapé a respeito da tradução da palavra “antropóloga” (o asterisco presente no título do trabalho se refere a isto): “a tradução da língua inglesa para a língua portuguesa nos coloca questões sobre marcações de gênero das palavras e nosso entendimento é de que estas marcações são fundantes da discussão proposta neste texto, acerca do fazer antropológico diversamente marcado para antropólogas e (não) para antropólogos.”

[5] - Nessa ocasião, ele me disse em um momento a sós que fazia as unhas também como uma forma de entrosamento e socialização com Cláudia enquanto interlocutora.

## Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 26, n. 1, p. 309–326, 19 jun. 2018.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: EdUFF, 2017.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Quando a pesquisa é o problema: o tabu no estudo das práticas sexuais. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 26, n. 1, p. 270–293, 19 jun. 2018.

BERREMAN, Gerald. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990 [1975].

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos? In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9–16.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

CHAGAS, Gisele Fonseca. A(s) estrada(s) para Damasco: reflexões sobre as experiências de trabalho de campo em uma sociedade do Oriente Médio. In: *Revista Antropolítica*, n. 37, p. 403–423, Niterói, 2. sem. 2014.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 [1937].

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC S.A., 1989.

GOLDMAN, Marcio. A tristeza nos trópicos ou o diário do etnógrafo. *São Paulo: Jornal de Resenhas* 35, 1998.

LEIRIS, Michel. *A África fantasma*. São Paulo: Cosac Naify, 2008 [1934].

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1955].

MACIEL, L. Da C. Corpo kuilt. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 27, n. 1, p. 310–334, 26 dez. 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objeto desta pesquisa. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental* (2ª ed.). São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).

MALINOWSKI, Bronislaw. *Um Diário no Sentido Estrito do Termo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997.

MEDEIROS, Flavia. Visão e o cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 23, n. 23, p. 77–89, 31 dez. 2014.

MEDEIROS, Flavia. Adversidades e lugares de fala na produção do conhecimento etnográfico com policiais civis. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 26, n. 1, p.

327–347, 19 jun. 2018.

MORENO, Eva. Estupro em campo: reflexões de uma\* sobrevivente. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 26, n. 1, p. 235–265, 19 jun. 2018.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Pluralizando Tradições Etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia. In: *Cadernos do LEME*. Vol. 1. nº 1, p. 2-27. 2009.

PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (RBCS), n. 16, ano 6, p. 43–50, julho de 1991.

PEIRANO, Mariza. A procura de dragões: ensino e pesquisa em antropologia. In: *Humanidades*, vol. 8, nº 5, p. 368–371, 1992.

RAMOS, Alcida. Metodologías. Ni en encontra ni a favor, todo lo contrario. *Cuadernos de antropología social*, n. 50, p. 21–31, 2019.

RIBEIRO, Florbela; COELHO, Karina; PATRIARCA, Letizia; BESSA, Paula. Adversidades no fazer antropológico. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 1, n. 26, p. 230–234, 2018.

ROCHA, Everardo. *O que é Etnocentrismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Nos bastidores da pesquisa de campo. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 7, n. 7, p. 239–242, 30 mar. 1998.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-

Saada. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 13, n. 13, p. 155–161, 30 mar. 2005.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e Cultura: notas por uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980. p. 121–132.

ZENOBI, Diego. O antropólogo como “espião”: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 2, p. 471–499, out. 2010.